

O ENSINO DA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS SOBRE O OLHAR DE MATTHEW LIPMAN

Joana Darc do Nascimento Barros¹
Sheyla Maria Fontenele Macedo²

RESUMO

Esse artigo se apresenta como uma pesquisa qualitativa, bibliográfica sobre as bases epistemológicas e metodológicas do Programa de Filosofia para crianças de Matthew Lipman. Razão pela qual temos este teórico como fundamento do trabalho. O objetivo geral da pesquisa é o de compreender as premissas teóricas do programa de Matthew Lipman de Filosofia para crianças, currículo e métodos. O artigo apresenta uma proposta nova no trato do ensino de Filosofia para crianças, em função do caráter inovador do método respaldado no desenvolvimento do pensar na infância, de forma que a criança desenvolva o hábito de buscar o saber através de respostas que atendam aos seus questionamentos, de forma que ela se perceba útil e geradora de construções pessoais e sociais edificantes.

Palavras-chave: Ensino, Filosofia, Crianças.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O artigo intitulado *O ensino da filosofia para crianças sobre o olhar de Matthew Lipman* é resultado da dissertação de Mestrado, em processo de construção, do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Pau dos Ferros.

O método investigativo do professor Matthew Lipman denominado *Filosofia para Crianças*, se apresenta como uma nova forma de desenvolver a reflexão, de forma que possam pensar e a sentir por si mesmas, e que sejam autônomas na relação *aprender-saber*.

Esse artigo se apresenta como uma pesquisa qualitativa, bibliográfica sobre as bases epistemológicas do Programa de Filosofia para crianças de Matthew Lipman (1997a, 1997b, 1997c, 2001). Razão pela qual temos este teórico como a base do trabalho.

O referido artigo tem como objetivo geral compreender as premissas teóricas do programa de Matthew Lipman de Filosofia para crianças, currículo e métodos.

¹ Graduada em Filosofia pelo Instituto Superior de Educação do Estado de Pernambuco (ISEP), Mestranda pelo programa de pós-graduação em Ensino/ PPGE, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

² Doutora pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, professora Adjunta III do Departamento de Educação (UERN), professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE/UERN).

O programa de Lipman se apresentou em sua origem como de caráter inovador já que possibilita alimentar as várias etapas do desenvolvimento reflexivo e sensível da criança, promovendo a formação do espírito investigativo.

Desta forma, este capítulo se organiza em dois tópicos, as bases epistemológicas do Programa e a metodologia de trabalho.

1. AS BASES EPISTEMOLÓGICAS DO PROGRAMA DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS DE MATTHEW LIPMAN

O método Matthew Lipman de Filosofia para Crianças surgiu no final da década de 60 do século XX, nos Estados Unidos, na Columbia *University*, onde era professor. A motivação para a construção do método se deu a partir da preocupação de Lipman com o baixo rendimento escolar das crianças. Foi a partir do objetivo de capacitar os alunos para o desenvolvimento das competências, em especial, da cognição, que deu início ao Programa *Filosofia para crianças*.

O método tinha como principal função instigar as habilidades de pensar da criança usando temas filosóficos, praticando desse modo a iniciação de jovens e crianças, através de discussões que culminariam com a formação de um *livre pensador infanto-juvenil*. (LIPMAN, 2001).

Em pouco tempo, ajudado pela Dra. Ann Margareth Sharp, Lipman fundou o *Institute for the advancement of Philosophy for children* (IAPC), localizado em Montclair, New Jersey – EUA, na década de 70, do século XX. (LIPMAN, 2001). Logo, e em apenas uma década, o Programa de Filosofia para Crianças já despontava como a melhor abordagem para aprimoramento das habilidades cognitivas, razão pela qual se espalhou pelo mundo. Cada país traduz e trabalha o método em seu próprio idioma. Nos idos de 1976 o Programa já se difundira no Chile, México, Argentina, Áustria, Canada, Taiwan, Islândia, Alemanha, Colômbia, Austrália, Havaí, Espanha, Portugal, entre outros. No Brasil, a professora *Catherine Young Silva*, foi a pioneira. Fundou em 1985, o Centro de Filosofia para Crianças (CBFC), que era uma instituição sem fins lucrativos, com sede localizada em São Paulo. O programa no Brasil, teve excelente aceitação e se difundiu largamente. Por volta de 2000, o Brasil era um importante polo de propagação do programa. (LIPMAN, 2001).

O método de Matthew Lipman é pautado num esforço educacional, em que a reflexão filosófica é o laboratório em que são postas a prova concepções de leitura investigativa, numa perspectiva de que a própria criança encontre a transformação das distinções filosóficas ao ponto de serem denominadas concretas. Ou seja, as crianças são incentivadas a pensar e sentir

por si mesmas, desenvolver a cognição ao ponto de se tornarem autônomas na relação aprender-saber. Razões pelas quais existem ensaios em vários os lugares.

A relevância do método abordado por Lipman, tem sua importância por apresentar um currículo que envolve professores e alunos, explorando temas das novelas filosóficas, que são contextualizados nos acontecimentos sociais e cotidianos das crianças e que está imbricada no processo de formação da pessoa desde a infância. Com base nesse currículo o autor espera promover na escolarização a interdisciplinaridade, pois, atualmente é possível observar a fragmentação dos conteúdos disciplinares nos livros didáticos, sendo a filosofia um instrumento de conexão no saber, seria mais fácil fazer uma ponte entre as disciplinas ofertadas entre si e com as crianças, e destas com os professores

Lipman não tem dúvidas quando a inserção da filosofia no currículo escolar. Usando o caráter questionador da criança e as indagações que a filosofia oferece, o universo escolar se torna muito mais proveitoso, o instrumento questionador traria para sala assuntos relacionados com a realidade, entre eles a ética que é por excelência o objeto da filosofia. Os temas de grandes filósofos são apresentados sem que a criança saiba quem é seu autor, para que primeiro formule conceitos sobre determinado assunto sem temer as concepções dos autores, posteriormente é que saberão quem são. “Para que as crianças aprendam a manejar as ideias e não só os rótulos, não se menciona os nomes dos filósofos no programa de filosofia para crianças” (LIPMAN, 2001, p. 119).

Desse modo, a filosofia não se torna vazia, reduzida a memorização ou comparações, visto que, o que permeia todas as novelas do programa é “[...] o método de descoberta de todas as crianças nas novelas e diálogo combinado com a reflexão”. (LIPMAN, 2001, p. 118).

Também é de grande importância o papel do professor na realização do método, pois este deve além de ter conhecimentos na filosofia, também precisa evitar de incutir nas mentes vulneráveis dos alunos os próprios valores que já estão cristalizados como verdadeiros, pois o verdadeiro compromisso da proposta de Lipman é incentivar as crianças a desenvolverem o raciocínio, logo:

[...] o ingrediente mais importante do programa de filosofia para crianças é um corpo de professores capaz de modelar uma interminável busca de sentido – para obter respostas mais compreensivas a respeito de assuntos importantes da vida. (LIPMAN, 2001, p. 121).

Todo professor deve incentivar seus alunos a encontrar as respostas que sejam proveitosas para que a criança respeite a si mesma por conseguir utilizar as propriedades intelectuais e criativas, possibilitando articular e desenvolver seu modo pessoal de ver as coisas, afinal já é próprio da criança uma notável capacidade de abordar os problemas de modo novo.

Acredita-se com base no que diz o professor Lipman, que o papel do professor em sala, durante uma discussão filosófica é o de um questionador talentoso, um líder criativo, que faz a provocação para a turma, no entanto não oferece solução, deixando que as crianças brinquem com a ideia ao ponto de elaborar, desenvolver e porque não chegar a aplicabilidade prática em algumas situações do cotidiano. Lipman (2001, p. 147) propõe: “[...] talvez uma das características mais interessantes do programa de Filosofia para Crianças seja o fato de que ele procura mostrar como as crianças podem aprender umas com as outras”.

Desse modo, Lipman (2001) procura com método de filosofia para crianças, torná-las mais livres, libertando-as das *amarras* do ensino convencional que os impedem de ser pensadores em condições de estabelecer entre eles o diálogo filosófico participativo e com respeito as ideias do outro.

2. METODOLOGIA DO ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS EM MATTHEW LIPMAN

É incomum imaginar o ensino de Filosofia no Ensino Fundamental, menos ainda na Educação Infantil, isso porque o componente curricular historicamente teve seu percurso de aparição como disciplina na grade curricular a partir do Ensino Médio. Decerto, seria preciso um grande esforço para fornecer qualificação adequada aos professores e também a adequação ou confecção de um currículo que contemplasse a Educação Infantil e o Ensino Fundamental também.

Traremos a seguir um recorte do modelo adotado por Lipman, a partir de uma história.

A proposta do método inicia-se com uma história, criada por Lipman e sua equipe. Os materiais utilizados pelos docentes na mediação do trabalho filosófico, são denominados pelo autor de *novela ou episódio filosófico*. Nessas novelas as crianças leem e depois tentam inferir novas ideias que sejam pertinentes com assunto do episódio trabalhado. Lipman criou com sua equipe as seguintes novelas (MURARO, 2009):

a) Rebeca: livro utilizado na iniciação filosófica para crianças da Educação Infantil a primeira série do fundamental, composto de 37 capítulos, em que é a pergunta o formato pedagógico para iniciar a capacidade reflexiva.

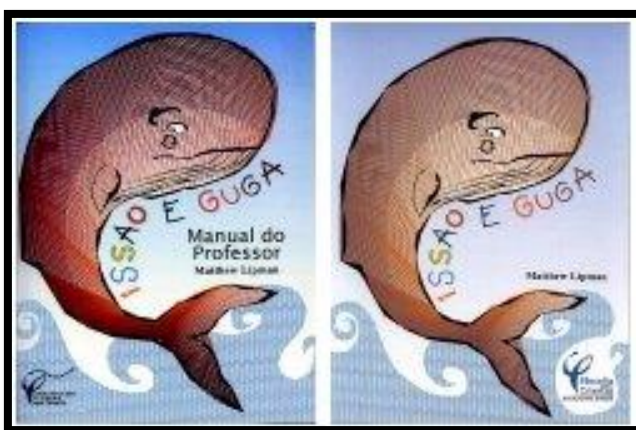
b) Issão e Guga: livro para alunos da segunda a terceira série do fundamental, com dez capítulos além da introdução, sendo o foco principal a forma como se produzem os conhecimentos, a ontologia, a ética e a estética.

c) Pimpa: o livro é direcionado à faixa etária dos nove a dez anos, nomeadamente, a quarta e quinta série do Ensino Fundamental, em que o estímulo a escrita se faz presente, estando ainda presentes conceitos como os de direito, dever, normas de conduta, família, dentre outras.

Existem ainda duas outras obras, *A Descoberta de Ari dos Telles Investigação Filosófica* e *Luísa*, dedicados a alunos a partir do décimo primeiro ano de vida.

Os enfoques metodológicos trabalhados nas novelas estão ligados à apropriação da linguagem, e a maneira como se apresenta o desenvolvimento do raciocínio infantil nas situações corriqueiras do dia-a-dia. A observação consiste em parte do método, e que significa examinar as ideias principais da conversa.

Vejamos o episódio denominado *Issão e Guga*, preparado para as 1ª e 2ª séries do ensino Fundamental:



Fonte: Muraro (2009).

Nesse material, a discussão gira em torno da construção original do pensamento. Suponhamos que a criança queira modelar uma manga com argila. Na novela, esse exemplo é apresentado por Issão e Guga. Ambos, ao construírem a fruta *manga* com o recurso argila, Issão apenas molda uma porção arredondada. Para ele o objeto se trata mesmo de uma manga. Já Guga, molda primeiro uma porção menor e depois envolve essa porção oval de argila com outra camada por fora. Para Guga essa modelagem da fruta corresponde ao caroço e a casca. Ambos fizeram uma manga. Mas com formas, pensamentos e representações diferenciadas.

Nota-se, através dessa descrição, que as crianças ao desenvolver uma arte não apenas fazem a representação do que veem, mas também refletem na criação aquilo que concebem em

pensamento. Para uma criança que realizou o processo de feitura de algo novo, nesse caso utilizando a argila, ela o produziu a partir da ideia ou do modelo que estava expressado em sua mente. No caso da manga, por exemplo, um já tinha o conhecimento que o fruto se constitui de duas partes: caroço e casca. Já a outra criança, apenas fez a representação do todo, apenas uma imagem, pois para ela, a manga se apresenta como um objeto por inteiro. (LIPMAN, 1997b).

Percebe-se que há nessa *novela* uma possibilidade excelente para o professor explorar noções de essência e aparência, o que é real e o que é verdade ou ver e saber. De fato, ver em alguns casos pode ser superficial, pois a aparência externa das coisas não tem poder revelador de seu involucro. Pode-se constatar, por exemplo que uma pessoa que nunca viu um ovo não acredita que possa ser um alimento em virtude de sua aparência externa. Mas é necessária atenção no tange afirmações, pois se há conhecimento prévio, se sabemos “somos capazes de alcançar o coração da matéria” afirma o autor que insiste em lembrar: “ O importante é que os alunos explorem as duas posições para descobrir o quanto de defensável há nelas, em vez de vê-las como claramente certas ou erradas”. (LIPMAN, 2001. p. 11).

Desse modo, as crianças se sentem contempladas, visto que as duas posições serão debatidas em sala, não tendo ponto de vista errado ou certo, *a priori*. As argumentações feitas por todos é que chegarão a melhor resposta, com o auxílio do professor, que terá formulado em seu plano de aula, antecipadamente um plano de discussão a respeito do assunto em pauta, onde deve constar pelo menos duas problematizações a respeito do ver e saber e do que significa criar um objeto a partir de seu interior. Ou como diria Guga, fazer coisas de dentro para fora. E a partir desse plano, lançar questões que tratem de objetos e de indivíduos, para que as crianças possam entender as diferenças entre o interior das coisas e das pessoas. Logo, Lipman (2001) afirma que muitos são os questionamentos a serem realizados a partir dessa proposta.

Para Lipman é imprescindível que as crianças através da conversação cotidiana com os colegas em sala de aula, vão despertando a consciência perceptiva a respeito das coisas, das pessoas e das situações que lhes cercam.

O currículo preparado para 4^a e 5^a séries do Ensino Fundamental, mantém a base do currículo anterior, mas traz uma abordagem mais avançada, porém a atenção e intensificada na ideia de onde está inserida a criança, assim assuntos como tempo, espaço, ambiguidades, causalidade, bem como estruturas que envolvam a semântica e a sintática devem estar presentes na pauta dessas séries. A novela para esse estudo é *Pimpa*. Essa proposta, ao todo consta de 11 capítulos e deve ser trabalhada durante dois anos com os alunos. Como todos os outros programas de Filosofia para Crianças, Pimpa traz ideias filosóficas que podem ser discutidas, repensadas e refeitas. Estruturada basicamente por nível de leitura, pimpa oferece a

possibilidade de reestabelecer e dramatizar as histórias. O foco nesse episódio é desenvolver o cognitivo das crianças, trazer à tona as habilidades de pensamento que são próprias dessa idade, o método apenas irá colaborar na argumentação lógica e maior organização das ideias. Assim, apresenta Lipman (1997a, p. 2) “ A função de Pimpa é favorecer essa prontidão enquanto proporciona uma experiência intelectual que, por si só, já é satisfatória”. O programa Pimpa é uma ideia bem-sucedida de valorizar a imaginação e a criatividade de forma sistematizada ao passo que também é livre, ou seja, Pimpa é um programa de raciocínio, comunicação e expressão que se concentra no aperfeiçoamento das habilidades do pensar e que, através do questionamento dialógico cooperativo, proporciona às crianças a possibilidade de pensar filosoficamente sobre as ideias que lhe interessam. (LIPMAN, 1997a).

O que o programa Pimpa traz de novo é a maneira como é apresentado o estudo, uma vez que não é o professor que vai apresentando as respostas, esse apenas aponta os rumos para as discussões e argumentações, afinal, isso as crianças têm de sobra. O que precisa ser observado é como estimular o pensamento argumentativo com aplicabilidade lógica e só será possível se o assunto for do interesse da criança. “ A Filosofia começa com o maravilhar-se e o intrigar-se”. (LIPMAN, 1997c, p.3).

Nesse sentido, Pimpa vem ao encontro de algo que toda criança tem: a curiosidade, Pimpa apresenta o que podemos chamar de *a história além da história* ou a história de como foi criada a história.

Para o currículo de 6ª e 7ª. séries, o programa preparou um texto denominado *A descoberta de Ari dos Telles* com objetivo de trabalhar a lógica formal e informal. O diferencial dessa novela é que haverá discussões tanto entre os próprios alunos, mas também entre os alunos e o professor. Durante a discussão sobre os planetas, Ari dos Telles que está desatento a aula, sugere que um cometa também é um planeta. A partir dessa sugestão da criança o que se segue são várias discussões. Nesse ponto vale ressaltar a relevância do método, visto que esse um prático exemplo de uma educação sem autoritarismo e tampouco doutrinadora. O questionamento da criança tem o seu valor, é preciso deixá-los investigar o assunto entre os colegas, pesquisar materiais e estimular-los para encontrem a verdade e afirmando que as crianças podem aprender umas com as outras.

No manual preparado para essa história, acompanham vários exercícios que correspondem as ideias que vão surgindo. Vai se formando desse modo, uma *comunidade investigativa* (LIPMAN, 2001) em sala de aula. Afinal essa história faz com que as crianças pensem o pensar. Aparentemente Ari dos Telles não está errado, pois já havia ouvido algo a respeito de cometas girar em torno do sol. Chateado com a algazarra das crianças, Ari resolve

tentar entender porque o cometa dá uma volta em torno do sol em determinado tempo, mas não se caracteriza como um planeta. Logo tentou com outras proposições e descobriu que o pensamento é algo complexo.

Para a 8ª e 9ª séries, o currículo desenvolvido traz a continuidade da novela anterior, porém enfatiza o uso da investigação no campo da ética. Essa novela se denomina *Luísa* e se desenvolve com os personagens já um pouco crescidos, em um clube de troca de selos. ´

Uma síntese da história.

Ari vai com o amigo Toninho ao clube, onde faz várias trocas justas, do ponto de vista de Ari. Afinal, cada selo tem lá seu valor e as vezes é comum trocar dois em um. Também é comum quando alguém empresta dinheiro, que se espere e o receba de volta, conforme o acordado. Assim discutem os amigos pelo caminho para comprar um sorvete. Nesse meio tempo, um garoto coloca o pé no meio e Toninho tropeça. Imediatamente, Toninho volta para se vingar jogando os livros do transgressor ao chão. Uma perseguição se põe em marcha, e os dois garotos correm para se livrar. Quando já estão longe, Toninho exclama: ele mereceu! Ari não concorda, e questiona o amigo: Será que quando alguém apronta conosco, é certo dar o troco?

Logo adiante vem Luísa e Laura, que já sabendo da questão, tratam de resolver o dilema de Ari. Os dois tentam encontrar um caminho que solucione o caso. E os dois chegaram ao consenso que algumas vezes é certo devolver o que recebemos e outras vezes é errado. Afirmou Lipman: “Esse currículo ajuda aos estudantes oferecerem boas razões na justificação de suas crenças e de certos desvios dos padrões normais de conduta”. (2001. p. 81).

É comum ver as crianças fazendo trocas no pátio da escola, trocar para elas é uma forma de socialização e reciprocidade. O episódio narrado pode ajudá-las a entender que nem sempre uma troca pode ser justa, principalmente em se tratando de valor e quantidade.

A novela de Ari dos Teles para o Ensino Médio, apresenta o personagem enfrentando dificuldades ao ser submetido a escrever uma redação em prosa e verso. A história mostra formas de resolver eventuais bloqueios em relação à escrita, bem como expõe a relação que existe entre o pensar e a escrever. Nessa altura da educação a criança já apresenta as habilidades de pensamento desenvolvidas, é possível apresentar novelas que envolvam temas diversificados e mais avançados, como: epistemologia, ética, metafísica estética e lógica. Esses temas mais complexos servirão de reforço para continuar desenvolvendo num processo contínuo as habilidades de raciocinar.

A metodologia utilizada durante a realização do Programa de Filosofia para Crianças de Lipman, se constitui basicamente na tomada de consciência, em que o aluno sai do estado

meramente passivo nas discussões em sala de aula e começa sua jornada investigativa. A atitude tanto da criança de se tornar um aluno ativo mais participativo e investigativo, bem como do professor que serve de bússola norteadora utilizando-se dos livros-textos já preparados com as devidas novelas e que trazem nas obras de ficção elementos chaves em cada episódio, servem de impulso para despertar as discussões e extrair através dos personagens, seus pontos de vista pessoais. Embora sendo assuntos que já há séculos vêm sendo discutidos e debatidos, não os impedem de repensar os pensamentos e encontrarem pontos de vista alternativos. Afinal, conclui, Lipman (2001, p. 118) “ [...] o método de descoberta de todas as crianças nas novelas é o diálogo combinado com a reflexão”.

Só se pode aprender falando e pensando nas coisas e situações que nos rodeiam e desafiam nosso pensamento. O fio condutor para o pensar filosófico é o convívio social da criança, na maioria das novelas apresentadas pelo Programa de Filosofia as crianças interagem com a família, com os colegas em sala ou fora dela. A partir desses encontros surgem situações que desafiam a lógica deles, tornando a mente o terreno fértil onde irão procurar as respostas.

Pode ser que pareça simples a aplicação da metodologia do Programa de Filosofia para Crianças, mas na verdade é um trabalho que demanda tempo, persistência e um domínio absoluto dos conteúdos que serão ministrados em sala. O método do programa possui três objetivos principais: a) A iniciação filosófica; b) A educação para o pensar; c) A preparação para uma cidadania responsável (LIPMAN, 2001). O grande objetivo do Programa é: “ajudar as crianças e os jovens a se tornarem pessoas que pensem por si mesmas” (p.34) e pensem por si mesmas tendo boas razões para pensar.

O ato de pensar exige responsabilidade criadora, assim ao emitir um juízo de valor a criança desperta para responsabilidade social. Pensar é um ato de coragem, visto que exige a cada pensamento dirigido a sociedade é também correspondente uma ação, assim, cada vez que o aluno é encorajado a lançar suas questões, certamente terá que apresentar as razões pelas quais acredita que esse pensamento pode contribuir com a melhoria do meio a que se aplica.

De fato, em uma discussão em que o objetivo é construir ideias, despertar um livre pensador, não devem ser apresentadas conclusões definitivas, visto que em outro momento o mesmo assunto pode vir novamente à pauta e as crianças chegarem a outra conclusão que não seja comum a primeira. Assim as crianças poderão apresentar conclusões diferentes entre si, principalmente em assuntos que envolvam questões subjetivas.

Como em todo ensinamento o Programa de Filosofia para Crianças, também exige técnicas que ajudam a desenvolver o método de forma mais atrativa e que despertem a confiança da criança ao passo que também estreitem as relações entre aluno-professor, professor-aluno.

Visto que para Lipman (2001, p. 125): “ A maioria das crianças é extremamente sensível ao espectro de técnicas que capacitam um adulto a tratá-las de maneira humilhante e com ar de superioridade”.

Acredita-se que um dos valores éticos em destaque no Programa de Filosofia para Crianças é o respeito, em virtude de ser um princípio filosófico e também por ser pragmático. Com isso queremos dizer que, se o professor respeita seus alunos terá o respeito deles, e vice-versa.

O respeito exige a atitude do pensar. Para que o respeito se concretize, é preciso que a reflexão o anteceda. Para ilustrar esse pensamento, enfatizamos uma frase de Lipman (2001, p. 127) “[...] todo mundo conhece o aviso que diz PENSE, e quase todos percebem que o aviso, de modo algum, incentiva o pensar”.

Essa metáfora nos adverte que pensar não é lembrar. Ninguém pensa porque alguém mandou. Não há pensamento por decreto ou por mero desejo. Na melhor hipótese, o que podemos fazer é criar condições favoráveis para que as ideias fluam e reconhecer que cada criança tem seu ritmo e modos diversos de pensamentos e que precisam de diferentes estímulos para desempenhar sua criatividade. Pensar de forma organizada e sincrônica pode ser considerado uma arte. Dessa forma, se observamos, por exemplo, a classe toda em uma aula de desenho e pintura, e ao identificar que todos os trabalhos estão iguais, pode-se inferir que o professor não incentivou as crianças para sua produção individual, logo, não ensinou a pensar. Já numa aula de Filosofia, é improvável que todas as crianças de uma sala desenvolvam o mesmo ponto de vista, toda sala é heterogênea e há nela crianças vindas de várias realidades sociais advindas de contextos sócio e econômico diversificado, com objetivos e metas diferentes. É plausível que surjam várias perspectivas filosóficas, se isso não ocorrer é sinal que tem algo *muito errado*. Lipman (2001, p. 128) observa.

Na Filosofia, o que se tem em comum, são mais os meios que os fins, a Filosofia insiste no diálogo racional, mas apenas como um meio pelo qual os estudantes podem chegar a seus próprios pontos de vista e suas próprias conclusões [...] A Filosofia insiste no rigor lógico, mas apenas como meio de tornar o pensamento mais eficiente, o que é muito diferente de fazer com que as ideias de uns coincidam com as ideias de todos os outros. (LIPMAN, 2001, p. 128).

Na sala é importante o domínio do professor, assim poderá interferir de forma a aceitar o que é relevante para a discussão e a descartar o que não ajuda na relação construtiva do raciocínio filosófico.

É pertinente também analisar sobre os recursos utilizados na realização das tarefas dos alunos. Assim como não pode faltar um método claro de investigação. Neste sentido, o modelo socrático serve de inspiração já que faz uso do recurso da arguição, baseada na pergunta com técnica de ensino. Esse modo também motiva a que o aluno faça perguntas a si mesmo para que seja autônomo na busca pelo conhecimento.

Sobre a condução do processo, elucidamos um exemplo a seguir.

Na roda de conversa compartilhada cada um ouve as razões dos outros e em que todos também são ouvidos, partilham o que acham e porque acham, e esses *achados* vão se consolidando em resultados que foram construídos a partir do coletivo. Esse processo reflete o pensamento individual de cada aluno. Isto é, o resultado pode ser comum, mas o desenvolver deste encadeamento é particular. Faz parte do plano de Lipman (2001, p. 35). “Privilegiar o movimento da construção das “clarezas” em grupo, no diálogo investigativo, transformando cada sala de aula numa pequena (mais importante) comunidade de investigação”.

Nota-se que o Programa de Filosofia de Lipman está para além de um método de estudo, caracteriza-se como de caráter investigativo e também se torna em momentos prazerosos de descontração, em que cada criança fala o que pensa e porque pensa e sua opinião é ouvida, e mesmo não sendo aceita por todos do grupo, é levada a sério. Portanto, prioriza-se a discussão coletiva, que leva as melhores respostas.

É impossível o bom andamento do método sem a presença do professor, mesmo que cada criança conheça o processo de desenvolvimento da técnica, o professor é o articulador, o mediador e o instigador. É ele o indicador do caminho por onde deve seguir a investigação. Passo a passo este assente na responsabilidade, valor ético que envolverá professores e alunos:

A responsabilidade por garantir tudo isso é do próprio grupo que precisa discutir a sua necessidade. Mas... no grupo, há uma pessoa uma responsabilidade especial que é o professor, acima de tudo, um educador. (LIPMAN, 2001, p. 35).

Há também indicações de que para o bom andamento do programa, cada história deve se referir a faixa etária que compreende o nível intelectual da criança, a cada etapa o nível de dificuldade vai sendo acrescido e com este o desafio de pensar cada vez melhor e mais organizado.

Enfim, a metodologia proposta no Programa é inovadora, do ponto de vista de que, há todo um legado científico que nos remete à relevância deste ensino na infância, sendo neste sentido o professor Lipman o precursor que abriu caminhos na esfera da educação. Entretanto,

algo precisa ser discutido e que diz respeito ao fato de que o método *amarra* o desenvolvimento do Programa nas histórias, nas novelas. Ou seja, devem ser seguidos de certa forma, os passos já indicados na metodologia concebida pelo Programa. Essa é uma questão que nos faz pensar sobre a autonomia do professor diante de seu próprio trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentarmos discussões sobre o Programa de Filosofia para Crianças, podemos afirmar que o método é uma ferramenta de relevância no que concerne ao ensino aprendido das crianças, visto que, a curiosidade das crianças não tem limites e o que mais querem é respostas às suas indagações.

As crianças ficam maravilhadas ao se deparar com alguns mistérios e esse *maravilhamento* precisa ser explorado de forma que venha significar ou *ressignificar* as concepções já estabelecidas anteriormente na mente da criança.

Utilizando o método Pimpa de Filosofia para Crianças, o professor dispõe de um excelente apetrecho para desenvolver o cognitivo dos alunos, a socialização a ética e conceitos plurais, utilizando as histórias preparadas pelo programa e que a cada tema é possível ampliar os conhecimentos adquiridos através de reflexões feitas sobre elas.

Assim, preservar as formas de raciocínio que a criança apresenta é o melhor e mais promissor caminho que podemos seguir e ajudá-las a fazerem descobertas significativas e que tenham como objetivo o crescimento intelectual, sensível e social deles. Afinal, em Filosofia para Crianças, o chegar não é o mais importante, mas também o percurso e a forma de caminhar.

REFERÊNCIAS

MURARO, Darcísio Natal. **Filosofia para crianças**. Disponível em: <http://www.philosletera.org.br/>. Acesso em: 09 dez. 2018

LIPMAN, Matthew; OSCANYAN, Frederick; SHARP, Margaret Ann. **Filosofia na Sala de Aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

LIPMAN, Matthew. **Pimpa**. São Paulo: Difusão de Educação e Cultura, 1997a.

LIPMAN, Matthew. **Coleção Filosofia para Criança. Pimpa, Manual do Professor “Em Busca do Significado”**. São Paulo: ”: Difusão de Educação e Cultura, 1997b.

LIPMAN, Matthew. **Filosofia para Crianças Educação para o Pensar**. São Paulo, 1997c.